

— Eu também estava quase morto na ocasião. Mas ao sarar compreendi que uma parte do meu "eu" lá se fora. Mas ignorava que aquilo ia acabar. Tudo na vida acaba.

Constance pôs-se a refletir, enquanto os trovões estrondeavam lá fora. A cabana parecia uma pequena arca de Noé.

— Continuou feliz como oficial depois da morte do coronel?

— Não. Meus camaradas eram uns pulhas. O coronel dizia: "Rapaz, esses burguesinhos são obrigados a mastigar trinta vezes porque têm as tripas tão finas que um grão de ervilha não passa. Efeminados, cheios de vaidade e admiração por si mesmos, apavorados quando descobrem qualquer falha no fio dos sapatos, podres como uma perdiz "faisan-dee" e sempre certos de que têm razão. Isso é que me acaba. Lambedores de língua endurecida de tanto lamber; e certos de estarem sempre com a razão! E pedantes — pedantísimos! Uma geração de pedantes com meio colhão cada um...

Constance pôs-se a rir, enquanto lá fora a chuva malhava.

— Oh! como ele os odiava!

— Não. Não ia a tanto. Apenas desgostava-se deles. Há uma diferença. Desgostava-se, dizia, porque os soldados também ficavam pedantes e sem colhões, e de tripas finas. Parece que o destino da humanidade é caminhar para isso.

— Até os homens do povo, os operários?

— Todos. O fogo está morrendo. Os autos, os aviões, o cinema sugam tudo o que lhes resta. Creia-me: cada geração gera uma mais abastardada, com tubos de borracha em vez de intestinos e pernas e cara de lata. Um povo de lata. Uma espécie de bolchevismo mata a coisa humana para entronizar a coisa mecânica. O dinheiro, o dinheiro! Todo o mundo moderno só pensa numa coisa: matar o homem o velho sentimento humano e reduzir o velho Adão e a velha Eva a picadinho. Todos a mesma coisa. Todos fazem a mesma coisa: aniquilam a realidade humana. Uma libra para cada prepúcio, duas libras para cada par de colhões! Que é o cono hoje usado senão uma máquina de fornicar? Por toda a parte a mesma coisa. Dê-lhe dinheiro para que suprimam todo o fogo da humanidade e só deixe pequenas máquinas tepidantes.

Mellors tinha o rosto avivado pela ironia e o sarcasmo, e os ouvidos atentos ao barulho da tempestade lá fora.

— Mas será que isso não acaba nunca? inquiriu Constance.

— Sim, há de acabar. O mundo realizará a sua salvação. Depois de liquidado o último homem, verdadeiramente homem, depois que todos estiverem domesticados, todos, brancos, pretos, amarelos, então todos enlouquecerão. Porque a raiz de tudo está nos colhões. E farão um grande auto-de-fé. Sabe o que o auto-de-fé significa? Pois farão o seu magnífico pequenino auto-de-fé e se imolarão entre si.

— Quer dizer que se matarão uns aos outros?

— Sim, minha cara. Se vamos neste passo, em cem anos não haverá nesta ilha mais de dez mil pessoas; talvez menos. Gentilmente destruir-se-ão entre si, os loucos.

Trovões ribombavam lá fora.

— Que lindo será! disse Constance.

— Delicioso! Nada mais calmanete do que imaginar o extermínio da raça humana e o longo intervalo que se escoará para que venha uma raça nova. E se continuarmos assim, se toda a gente, intelectuais, artistas, governos, industriais, operários, se toda a gente continuar a trucidar com frenesi o que resta de sentimentos humanos, de intuição, de bons intentos, se isso continua em progressão geométrica, ah, então, adeus espécie humana. Adeus, meu amor! A serpente devorar-se-á a si mesma e deixará um vazio terrivelmente em desordem, mas não irreparável. Coisa maravilhosa! Cães selvagens latindo aqui em Wragby; cavalos selvagens galopando à beira do poço de Tavershall! *Te Deum Laudamus!*

Constance ria-se, mas sem contentamento.

— Mas então deve gostar que sejam todos bolchevistas, pois assim apressam o desfecho!

— Oh, sinto-me encantado. Não os detenho. E não o poderia se o quisesse.

— Por que se mostra tão amargo, então?

— Não sou amargo! Se meu galo canta pela última vez, que me importa?

— E se tiver um filho?

Mellors baixou a cabeça.

— Acho má ação pôr uma criança num mundo destes.